

O INCONSCIENTE ESPIRITUAL DE VIKTOR FRANKL

VIKTOR FRANKL'S SPIRITUAL UNCONSCIOUS

*Jose Mauricio de Carvalho Correio (Dr.)**



Imperatriz (MA), v. 3, n. 4, p. 78-90, jan./jun. 2021
ISSN 2675-0805

Recebido em: 05 de outubro de 2020

Aprovado em: 03 de junho de 2021

RESUMO

Neste artigo, apresentamos a compreensão que o psiquiatra Viktor Frankl teve do inconsciente. A compreensão desse conceito é nuclear em sua teoria psicológica, pois está na raiz do funcionamento da sua compreensão de estrutura mental. Como evidência de sua realidade, Frankl apresenta duas provas: a descrição fenomenológica da liberdade; e o conteúdo de determinados sonhos. No inconsciente espiritual, encontra-se o sentido da vida da pessoa, frequentemente inconsciente ou pouco consciente. Esse sentido vai sendo descoberto em relação aos desafios do dia a dia, mas aponta para um sentido último ou super sentido. Assim, o conceito encontra-se também associado ao problema do sentido que é fundamental do tratamento psicoterápico proposto de Frankl.

Palavras-chave: Inconsciente. Inconsciente Espiritual. Liberdade.

ABSTRACT

In this article, we present psychiatrist Viktor Frankl's understanding of the unconscious. Understanding this concept is central to your psychological theory, as it is at the root of how your understanding of mental structure works. As evidence of his reality, Frankl presents two proofs: the phenomenological description of freedom and the content of certain dreams. In the spiritual unconscious is the meaning of the person's life, often unconscious or little conscious. This sense is being discovered in relation to the daily challenges, but it points to an ultimate or super sense. Thus, the concept is also associated with the problem of meaning, which is fundamental to Frankl's proposed psychotherapeutic treatment.

Keywords: Unconscious. Spiritual Unconscious. Freedom.

* Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. E-mail: josemauriciodecarvalho@gmail.com; ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3534-5338>.

1 Consideração iniciais

Este artigo foi elaborado a partir de pesquisa realizada no PPGPsicologia/UFJF. Seu problema é a identificação e caracterização do inconsciente espiritual de Viktor Frankl e as evidências que ele apresenta de sua realidade. Essas evidências pretendem explicar fenômenos inconscientes e completar as observações de Sigmund Freud. Viktor Emil Frankl (1905-1977) tornou-se famoso com a publicação de *Em Busca de Sentido* e por criar a logoterapia.

Frankl é filósofo e psiquiatra de origem judia que, durante a Segunda Guerra Mundial, passou por quatro campos de concentração e, mais tarde, se tornou conferencista consagrado e professor convidado de muitas universidades. Recebeu vinte e nove títulos de doutor honoris causa, incluindo o da Universidade de Brasília e os prêmios *Medicus Magnus* e a *Estrela-de-Ouro Internacional* por serviços prestados à humanidade.

Neste estudo, usamos tanto o método analítico para examinar o conceito de inconsciente de Frankl, como o comparativo para cotejá-lo com as ideias freudianas sobre o assunto. Vamos mostrar que as evidências do inconsciente espiritual apresentadas por Frankl são: a observação fenomenológica; e a análise dos sonhos.

2 O inconsciente espiritual e a liberdade

Inconsciente espiritual é conceito nuclear na psicologia de Viktor Frankl. Entendê-lo é essencial para compreender a sua psicopatologia e o papel do sentido na vida.

As filosofias e a psicologia existenciais associam a liberdade de fazer o futuro e de resignificar o passado com sentido existencial. A existência de um sentido funciona como equilíbrio emocional, direcionando as escolhas, permitindo perceber a vida como valor. Viktor Frankl incorporou isso. Se na filosofia existencial se diz que o futuro é criado do nada, a psicologia de Frankl o enxerga como concretização de um propósito inconsciente. Assim, as escolhas são livres, mas têm um alvo pré-existente. Esse alvo pode ser descoberto e, portanto, não é criação arbitrária e nem surge do nada. Frankl trabalhou o sentido de sua vida a partir dos manuscritos de *Psicologia que lhe foram retirados no campo de concentração*. Então disse (FRANKL, 2017, p. 280): “já sei: escapar com vida, salvar a vida nua e crua é tudo, é o máximo que se pode pedir do destino. Mas eu não posso largar isto.” Daí se conclui que “a vontade de sentido é [...] uma motivação primária e não uma racionalização secundária” (PACCIOLLA, 2015, p. 304) ou que “vontade de sentido é a motivação básica do ser humano” (HERRERA, 2007, p. 171). O que os comentadores destacam é que o que motivou Frankl a querer continuar vivendo era seu texto do qual não podia se separar, isto é, que se vive primariamente por um sentido e não para obter um equilíbrio instintivo como sugeriu Freud.

Esse é um ponto fundamental para Frankl: cada pessoa tem um propósito que a move. Esse movimento não é um impulso para estabelecer um equilíbrio

interno, uma espécie de homeostase psíquica, como diria Freud, mas uma força de atração que não afeta a liberdade. Em outras palavras, a vida tem significado para quem descobre o sentido. Isso significa que o sentido não se impõe, precisa ser acolhido livremente, razão das críticas de Frankl à psicanálise e ao behaviorismo.

O sentido ordinariamente é inconsciente, mas não será compreendido num sistema como o freudiano, baseado na realização de um impulso. Frankl identificou uma outra realidade inconsciente, não na alma, mas no espírito, como descrevem os fenomenólogos. Deve-se considerar que ele trabalha com a descrição fenomenológica de Hartmann e Scheler de que o homem é matéria, vida, consciência e espírito. Esse inconsciente Frankl denominou de espiritual, pois combina motivação inconsciente e liberdade. Ele considerou que esse inconsciente oferece razões para viver, mas não determina um caminho (FRANKL, 1990, p. 116): “O homem de hoje conhece à saciedade o fato de possuir instintos, o que temos que lhe mostrar é que ele possui também espírito – espírito, liberdade e responsabilidade”.

Tanto as psicologias deterministas como a ciência inspirada no Positivismo ensinaram que o homem é determinado por instintos, condicionamentos, influências etc. Frankl considera fundamental superar essa forma de explicar o comportamento humano, porque ela retira a responsabilidade da pessoa pelo que lhe passa. É mais simples para o paciente dizer que as coisas lhe acontecem devido a variáveis que ele não controla. É claro que há elementos que instigam e é obvio que nos acontecem coisas que não planejamos. O psiquiatra não nega que os instintos influenciam o homem (id., p. 117): “Não somos absolutamente contrários ao reconhecimento da realidade instintual e também não nos opomos a que o homem, em certos casos, lhe dê resposta afirmativa.”

O propósito de Frankl é explicar que, embora existam instintos e condicionamentos que influem no comportamento, há uma instância íntima que pode dizer não a uma ou a outra situação. Na história da filosofia encontram-se teorias a favor de uma e outra tese, mas Frankl entende que o assunto se resolva na prática.

Pelas mesmas razões, Frankl também recusa a tese do determinismo genético e avalia que é colocar mal o problema reduzi-lo à relação entre hereditariedade e ambiente. Também, nesse caso, Frankl não nega a influência da genética ou do ambiente, mas defende que o homem pode alterar sua história apesar deles. Os fenomenólogos explicam a liberdade pelo espírito e Frankl os acompanha (id., p. 142): “Seria incorrer no equívoco de decidir sobre a sorte e a vocação do homem sem consultar o próprio homem, desconsiderando a sua essência radicalmente espiritual e, portanto, livre e, por isso, responsável”.

A relevância de mudar a o entendimento de que o homem é determinado quer pela hereditariedade, quer pelo ambiente foi estudada por Ortega y Gasset. Isso ele fez dizendo que é preciso salvar a circunstância, entendendo-a como toda forma de herança fisiológica, psicológica, sociológica e histórica (ORTEGA Y GASSET, 1953, p. 322): “eu sou eu e minha circunstância e se não salvo a ela também não salvo a mim”. Salvar a circunstância é mudar a situação para encontrar um sentido, bem como criar um novo sentido quando a situação não

puder ser modificada Frankl sistematiza assim essa questão (FRANKL, 1990, p. 142): “além da constituição básica, do meio ambiente e da hereditariedade, existe a decisão do homem, e essa o eleva e o projeta além de suas contingências”.

Contra a tese de determinações ambientais e instintivas, reafirmadas pelo behaviorismo e psicanálise, Frankl recorda o que viveu e presenciou nos quatro campos de concentração onde esteve. Ele observou que: “A capacidade primordial humana da autotranscendência e do autodistanciamento [...] foi verificada existencialmente no campo de concentração.” (FRANKL, 2010, p. 115). No campo de prisioneiros, tudo podia ser tirado dos prisioneiros, menos “a liberdade de se posicionar desta maneira ou daquela frente às circunstâncias dadas” (FRANKL, 1990, p. 144). Havia prisioneiros que, mesmo em condições extremas, tinham uma palavra de conforto e dividiam o seu último pedaço de pão, contrariando as determinações ambientais e instintivas. Por isso, não se pode dizer que: “influências ambientais, [...], determinem o homem em seu comportamento de modo uniforme e inevitável” (ibidem).

3 Inconsciente espiritual e consciência moral

No item anterior, comentamos que o homem pode escolher entre alternativas. Fenomenólogos como Ortega y Gasset não apenas falam dessa liberdade possível, mas veem evidências que o homem faz as suas principais escolhas para realizar o que intimamente deseja. Os dois autores entendem que as escolhas humanas afetam o modo de viver, por exemplo, atualmente diminui o número dos casamentos tradicionais, aumenta o de divórcios, é maior a liberdade sexual, reduz-se a taxa de fecundidade e aumenta a união de pessoas do mesmo sexo. O filósofo espanhol considera que escolher com base na fidelidade íntima é marca do homem, algo que Frankl admitia colocando a raiz das escolhas no inconsciente espiritual. Ortega entendia que (CARVALHO, 2009, p. 338):

fidelidade a um modo de ser inclui aspectos diversos da circunstância pessoal, afetiva, intelectual e grupal. O que o homem aprende no grupo tem raízes profundas em suas virtudes e impulsos, o que significa que a fidelidade ao cultural é também a fidelidade a seus impulsos profundos transformados pela vida coletiva. Em outras palavras, as exigências mais íntimas de cada um encontram no espaço social um lugar para se realizar.

Frankl explicou a força desse núcleo íntimo da personalidade com o inconsciente espiritual. Ele disse, como Ortega y Gasset, que a vida nos foi dada, mas não pronta. Se, por acaso, não a conseguimos levar a bom termo, isso significa que não cumprimos o sentido presente no inconsciente espiritual. Não o identificamos e realizamos. Deixando de cumprir esse programa íntimo, deixamos de realizar algo singularmente humano (BRESSER, 1990, p. 91): “A responsabilidade ou o ser responsável constitui o conteúdo e a garantia da natureza espiritual do homem, a essência de sua dignidade e expressão do autêntico humanismo.”

Escolhas têm a ver com o sentido. Para Frankl, escolhas e sentido são próximos, pois quando alguém escolhe, ele dá direção à sua vida particularíssima, tece o futuro concretizando ou não o sentido de sua vida. O sistema consciente atua na construção do sentido com as intuições inconscientes, pois ele é a instância “que é integrada à constituição do homem como órgão que o deixa descobrir o sentido singular e único na situação presente. Como trata de singularidades e de unicidades, a consciência deve agir intuitivamente” (FRANKL, 2014, p. 66).

A consciência moral cumpre, para Frankl, a função que o superego tem na psicanálise de Freud. É ela quem acolhe os ideais sociais, incluindo aspectos volitivos e conscientes diante dos valores inconscientes. Ela permite que a pessoa se ajuste às regras de sua comunidade e se comporte de acordo com elas. Essa questão nos coloca um problema difícil: as consequências das escolhas na vida de outras pessoas. É que as escolhas pessoais quase sempre afetam outras pessoas e a responsabilidade com o sentido pessoal precisa considerar isso.

É claro que a tensão entre escolhas pessoais e consequências sociais possui também uma dimensão legal. As sociedades criam normas jurídicas e outras formas de controle social. Se as escolhas de alguém prejudicarem o funcionamento de uma sociedade, ela o punirá. Porém, o problema implica mais que o cumprimento das leis, implica responder a experiência dos valores (BRESSER, 1990, p. 96):

Perdemos de vista [...] como acontece com todo behaviorismo psicológico – aquilo que, acima e além da mera finalidade, possa ser propriamente designado como sentido. Do sentido, na verdadeira acepção do termo, só se pode cogitar quando nele vislumbramos aquela dimensão espiritual da experiência dos valores que empresta ao homem a sua qualidade e dignidade específica.

A novidade trazida por Frankl para a Psicologia é que a experiência axiológica não surge de impulsos que a criança herda, mas da experiência axiológica que vivencia, tese que retirou de Max Scheler e Nicolai Hartmann. Dessa forma, completando o que dito por filósofos e moralistas, para ele, a consciência moral tem origem inconsciente, além dos aspectos conscientes. Os indivíduos, devido a suas experiências pessoais e orientações da sociedade, reprimem aspectos da realidade cultural ou os acolhem. Para Frankl, assim como se tornam inconscientes ideias rejeitadas, tornam-se inconsciente valores acolhidos na infância.

Esses valores inconscientes estão presentes na procura do sentido. Eles têm um aspecto singular ou são singularizados pelas situações vividas. Uma regra moral não tem um valor absoluto, como o imperativo categórico de Kant, mas confirma sua validade na situação. Essa ideia foi acolhida de Max Scheler e suas explicações sobre a responsabilidade pelo resultado da ação. Mentir não é correto, mas mentir para salvar a vida da esposa perseguida pela Gestapo SS é aceitável, porque preservar a vida da esposa é um valor maior do que falar a verdade.

Assim, ao trazer as escolhas para a responsabilidade individual, Frankl recuperou as lições de Max Scheler. Sobre a importância das teses de Scheler na

vida de Frankl, ele escreveu que: “foi despertado do sono, despertado do psicologismo. Picou-me o conhecido Max Scheler, cujo Formalismo da ética... eu levava comigo feito uma bíblia” (FRANKL, 1990, p. 118). Em outra obra, afirmou o mesmo (FRANKL, 2010, p. 71): “Fui totalmente sacudido por Max Scheler, e carregava seu livro Formalismo na ética como uma Bíblia. Estava na hora de uma autocrítica do meu próprio psicologismo”.

Com Scheler, Frankl aprendeu que leis morais consolidam valores e que, embora sejam exigências fortes, elas não se despregam das consequências. Isso não é relativismo ético, mas olhar a regra na circunstância: “valores e também preceitos são, com outras palavras, diretivas gerais de procedimento” (FRANKL, 2014, p. 68/9). Para Frankl, se é uma regra consciente que guia o comportamento, igualmente há um princípio inconsciente que o guia.

Durante a vida, são feitas escolhas de sentido parcial que somente se esclarecem no final da vida. Uma metáfora ajudará a entender a questão. A vida pode ser comparada a um filme de suspense, as partes somente se esclarecem no final. Sobre as frações do grande sentido, o psiquiatra comenta: “por esse motivo, no fundo, são partículas concretas de sentidos, dos sentidos particulares de uma situação concreta, à qual uma pessoa concreta está integrada e envolvida” (id., p. 74). Por isso, o sentido final ou o grande sentido não se descobre por análise racional, mas pelo desvelamento do sentido escondido no inconsciente espiritual que surge no final da existência. Daí a proximidade dessa explicação com a fé religiosa. Essa terapia “não se ocupa apenas da vontade de sentido, mas também da busca de um sentido final, um meta-sentido. E a fé religiosa é, em última análise, a crença nesse meta-sentido” (FRANKL, 1978, p. 258).

A escolha moral feita com base na intuição íntima e no conhecimento das regras morais diverge da escolha instintiva. Os animais respondem a um padrão instintivo de autopreservação, a não ser quando o seu sacrifício é feito em prol da coletividade, como quando a formiga se sacrifica pelo bem do formigueiro. Esse comportamento de defesa do grupo é comum nas espécies gregárias. De modo diverso ao dos animais, o homem não apenas reage, ele altera o mundo com suas ações. Ele pode escolher se sacrificar pelos outros, mas isso será sempre uma escolha livre.

Frankl relata como exemplo de sacrifício, com risco da vida, o comportamento dos médicos que protegiam os pacientes dos nazistas. Ele viu médicos arriscarem a vida pelos pacientes, o que não se explica se julgarmos que as escolhas morais se baseiam em princípios altruístas e não no instinto. Segundo ele, “verdadeiros médicos que viveram como médicos [...] que não podiam ver os outros sofrer, não podiam deixar sofrer” (FRANKL, 2014, p. 90).

Escolhas conscientes são alimentadas por inspiração inconsciente. Frankl aprendeu com Scheler que a consciência moral possui “função [...] intuitiva. A fim de antecipar aquilo que irá realizar, a consciência deverá primeiramente intuí-lo, nesse sentido, portanto, [...] é irracional” (FRANKL, 2017b, p. 30).

Em relação às escolhas, Frankl retoma a tradição ética kantiana. O filósofo alemão explicou que a sensibilidade do sentimento, embora não do sentimento em si, é maior que a da razão e pode ajudar nas escolhas. Isso porque a imaginação

produz a afinidade do fenômeno sendo um ingrediente necessário da percepção e estando base das escolhas que a razão realiza. Como sabemos, para Kant, uma escolha somente é moral quando obedece ao imperativo da razão. Ele assim disse: “A razão, numa lei prática, determina a vontade imediatamente e não por intermédio de um sentimento interpolado de prazer e dor” (KANT, 2006, p. 27). É essa a base das grandes realizações humanas, afastando-se Frankl do que dizia Freud sobre a origem das elevadas produções culturais, que dependem de escolhas conscientes e livres. Frankl assim explicou as grandes realizações do espírito: “quando o eu (espiritual) penetra numa esfera inconsciente, como sendo a sua base, podemos falar respectivamente, de consciência [...], amor ou arte” (FRANKL, 2017b, p. 36).

Finalmente, aplicando os pressupostos do inconsciente espiritual às opções amorosas e à responsabilidade com o amado, ensina o psiquiatra: “a escolha de um parceiro, a escolha amorosa só constitui uma verdadeira escolha quando não é imposta pelo destino” (id., p. 33). Isso aprendeu com Martin Buber: “enquanto um eu for impulsionado para um tu por um id, não é possível falar de amor. No amor, um eu se decide por um tu” (Ibidem).

4 Inconsciente espiritual e sonhos

Os sonhos são importantes no estudo do inconsciente e funcionam como prova da sua existência. Frankl teve formação psicanalítica e considerava o método freudiano de interpretação dos sonhos válido cientificamente e adequado para o que se propunha. Assim, o utilizará para examinar aspectos da espiritualidade inconsciente presente no sentido:

Assim como o psicanalista procura conscientizar seus pacientes de seus impulsos reprimidos, também o logoterapeuta tenta ajudar os pacientes a tomarem consciência dos seus conflitos espirituais reprimidos e de seus conflitos de consciência. Como os impulsos reprimidos, a reprimida voz da consciência revela-se [...] através dos sonhos. O psicanalista analisa os sonhos em busca de manifestações do inconsciente instintivo; o logoterapeuta, em busca dos indícios [...] do inconsciente espiritual (BRESSER, 1990, p. 55).

Essa realidade é reconhecida por grande número de psicólogos e psiquiatras que entendem que os sonhos têm um sentido: “foi Freud quem deu o primeiro grande passo para a interpretação científica dos sonhos afirmando que eles têm, realmente um sentido, procurando utilizá-los na terapia” (id., p. 33).

Em A presença ignorada de Deus, Frankl afirmou que nos sonhos não há apenas elementos instintivos, mas objetos superiores. O método é o mesmo de Freud, contudo o fenômeno descoberto e a forma de trabalhar não:

Se, porém, para compreendermos os sonhos, utilizarmos o mesmo método com que Freud investigou apenas o inconsciente instintivo, nós, que queremos alcançar por esse caminho um outro objetivo, podemos dizer com respeito à psicanálise: caminhamos juntos, mas marcamos o passo em separado (FRANKL, 2017 b, p. 37).

Frankl afirma que alguns sonhos possuem mecanismo diferente dos mencionados por Freud, mas o método de estudo é o mesmo: “ao sermos confrontados com os fatos empíricos do inconsciente espiritual, continuaremos querendo que nos guie a grande virtude da psicanálise, que é a objetividade” (id., p. 38).

O psiquiatra relatou o sonho de uma paciente com um gato que foi enviado para uma lavanderia no meio da roupa suja e, posteriormente, foi devolvido morto no meio da roupa lavada. O sonho teve a seguinte interpretação:

Quanto ao gato, lembrou que ama os gatos acima de tudo, porém ama acima de tudo a sua filha. Mas por que o gato estaria sujo? Isso foi esclarecido quando a paciente relatou que ultimamente houve muitos mexericos na vizinha sobre sua filha, e, nesse sentido, realmente foi lavada roupa suja. Esse também era o motivo pelo qual a paciente, conforme ela mesma admitiu, constantemente estava espionando e espezinhando a filha. O que significa então o sono como um todo? Constitui uma advertência para que a enferma não atormentasse a filha com exagerada insistência quanto a sua pureza moral, o que acabaria destruindo a filha (Ibidem).

Frankl interpretou o sonho acima narrado diferentemente dos psicanalistas, identificando a advertência da consciência moral e não repressões infantis:

Não vemos razão alguma para desistir de uma possibilidade tão simples de interpretar o sonho em todos os seus elementos distintivos, só por causa da opinião preconcebida de que, por traz de cada sonho, é preciso necessariamente haver também conteúdos de sexualidade infantil (Ibidem).

Sonhos de advertência moral e de auto repreensão não realizam desejos no sentido freudiano e não são explicados pela sexualidade infantil. Eles evidenciam a realidade do inconsciente espiritual:

Max Scheler foi a primeira pessoa que, agudamente, assinalou a aporia da formulação psicanalítica do sonho. A inibição e sublimação operada pela censura não provém dos instintos, pois estes são o objeto da inibição e não podem ser, ao mesmo tempo, o sujeito e autor dessa. Segundo Frankl [...] ainda não se conhece o caso de um rio que tenha construído sua própria represa (HERRERA, 2007, p. 84).

Os sonhos têm, para Frankl, importância na revelação de conteúdos inconscientes, contudo, quando não se possui uma visão da realidade humana mais ampla que aquela fornecida pelo freudismo, não se é capaz de entender belos sonhos: “uma imagem reducionista do homem torna mórbidos os melhores sonhos” (FRANKL, 1990, p. 101). Muitos sonhos parecem ter origem no inconsciente espiritual, entre os quais aqueles cuja problemática é religiosa ou ética. Comparando, ele lembra a forma como os freudianos interpretavam um

sonho com conteúdo moral. Frankl menciona Stekel para quem a direção, mencionada no sonho abaixo destacado, tinha sentido ético, sendo direita a representação da correção moral, de modo que num sonho “esquerda pode representar homossexualidade, incesto ou perversão, e direita pode representar casamento, relações sexuais com uma prostituta e assim por diante” (FREUD, 1972, p. 81).

Há sonhos que tocam diretamente na tradição religiosa e no modo como a fé é vivida e que são irredutíveis a desejos infantis. Frankl dá como exemplo o sonho de uma paciente que vai à psicoterapia e no trajeto passa por uma igreja. O templo se encontra abandonado, foi destruído por um bombardeio, tendo apenas o altar ficado intacto. Eis o sonho e a interpretação de Frankl:

Estou no Stephansplatz (Praça de Santo Estevão em Viena). Interpretação: o centro da Viena Católica. Estou diante do pórtico da Igreja de Santo Estevão e vejo que este está fechado com um muro. Interpretação: o acesso ao cristianismo ainda lhe está vedado. Dentro da catedral está escuro, mas sei que Deus está lá. Associação: de fato és um Deus oculto. Procuro a entrada. Interpretação: agora está procurando o acesso para o cristianismo. São quase doze horas. Interpretação: está mais do que na hora. Pe. N.N. está pregando lá dentro (de alguma forma o Pe. N.N. representa para nossa paciente o cristianismo.) Através de uma fresta, vejo sua cabeça. Interpretação: sua pessoa lhe transmite apenas um fragmento do que representa. Quero entrar lá. Interpretação: ela quer afastar-se da pessoa e aproximar-se da essência. Corro por corredores estreitos: interpretação: estreiteza significa angústia, portanto nossa paciente espera com angústia e impaciência alcançar sua meta. Trago comigo uma bombonnière na qual há a inscrição Deus chama. Interpretação: sua vocação para a vida religiosa, aquela meta que tenta alcançar tão impacientemente, e o próprio caminho para esse alvo implicam a doçura de uma experiência extático mística. Tiro um bombom da bombonnière e como, mesmo sabendo que talvez possa fazer mal. Associação: repetidas vezes, a enferma declarou que se entrega a seus êxtases místicos, apesar de estar consciente do perigo de cair na demência, ou seja, de ficar doente. Tenho medo de que alguém veja a inscrição na bombonnière, fico com vergonha e começo a apagar a inscrição. Associação: a paciente sabia que seu caso seria publicado e, conseqüentemente, fez todo o possível para impedir essa publicação (id., p. 42).

Frankl diz que esse sonho revela o incômodo da paciente com aspectos institucionais da religião. Ele fez uma longa interpretação desse sonho e do medo da paciente de viver suas experiências místicas e cair em algum transtorno. Ela tinha um desejo secreto de ser religiosa, meta que esperava com ansiedade, mas não queria que viesse a público antes de realizar seu propósito.

A força do sentido religioso foi observada por Frankl nos campos de concentração, onde os prisioneiros buscavam o serviço religioso mesmo depois de um dia extenuante, com fome, frio e cansaço: “As manifestações do espírito religioso transcendiam a particularidade individual do credo religioso para centrar-se em torno ao princípio unificante Deus” (HERRERA, 2007, p. 47).

Quanto ao propósito da paciente com tendências místicas, o que ela desejava era evitar que suas crenças fossem profanadas, criticadas ou desmascaradas como se fossem inadequadas e doentias. E assim ocorre porque crenças são elementos de grande intimidade e significado para as pessoas.

Outros estudiosos mencionam resquícios do protagonismo do espírito nos sonhos como confirmação do inconsciente espiritual:

Optei pela via régia do sonho para melhor conhecer o inconsciente, o que me possibilitou chegar ao espírito. Procurei encontrar o inconsciente espiritual não visto como um porão de quinquilharias e resquícios de memória humana, mas como um tesouro escondido de que cada pessoa é possuidora (XAUSA, 2019, p. 24).

Ela esclareceu ainda que o estudo dos sonhos permite diferenciar os elementos do inconsciente instintivo e do espiritual:

O desvalimento dos valores e a descoberta das manifestações da consciência ética do indivíduo, em consequência de suas atitudes; o surgimento espontâneo das potencialidades artísticas e da relação dos sonhos com suas obras de arte; a desrepressão da relação com Deus, ou seja, da religiosidade; os questionamentos sobre a vida e a morte frente à transitoriedade da existência rumo ao sentido último (id., p. 27).

Considerando que a comparação se dá com o recalque secundário do freudismo, isto é, aquele processo que ocorre depois de estabelecido o inconsciente, a comparação destacada por Frankl tem em vista a repressão do elemento ideativo, mas não do afeto, que não é inconsciente.

5 Inconsciente espiritual, transcendência e supra sentido

A presença reprimida da transcendência e da espiritualidade mencionada na seção anterior é fundamental para entender o supra sentido. Supra ou Super sentido é aquele sentido final que orienta toda a vida. O sentido mesmo se dá na situação e é identificado como: “objetivos de curto prazo e de vida coerente e significativa utilização de padrões internos de comportamentos construtivos e pró-sociais” (DSM V, 2014, p. 762). Essas escolhas indicam uma direção transcendente como horizonte de vida. Frankl explicou essa transcendência “na medida em que não se cogita do Ser em geral, e sim do ser humano, [...], vê-se igualmente não ser possível prescindir da ideia de transcendência” (FRANKL, 1978, p. 259).

Para Frankl, o desafio do homem não é conviver com a falta de um sentido imediato, como diziam os filósofos da escola existencial, mas sem ter um sentido último. Para ele, esse motivo maior inclui a fé em Deus e uma missão única. Essa fé “deriva de uma vontade no sentido último perante as questões existenciais concretas do ser humano, como sofrimento, morte e culpa, que fogem das explicações racionais” (AQUINO, 2013, p. 106).

Na prática clínica, contudo, nem todas as pessoas se reconhecem religiosas, então, mesmo a questão do sentido último apontando para a transcendência, a

logoterapia precisa considerar outras possibilidades: “a discussão de tais indagações teria que ser examinada, antes de mais, em termos de crítica gnosiológica. Teríamos que examinar, sem dúvida, se em geral é permitido perguntarmos pelo sentido do todo” (FRANKL, 2016, p. 88).

Durante a vida, o homem dificilmente estará inteiramente seguro da direção existencial que representa o verdadeiro sentido de sua vida: “até o derradeiro momento, até o último suspiro, o homem não sabe se realmente cumpriu o sentido de sua vida ou antes somente acreditou tê-lo cumprido” (FRANKL, 2015, p. 25).

A descoberta fenomenológica de que o homem se orienta para o futuro foi reconhecida pelo psiquiatra e acrescida de um objetivo fora do eu, para algo ou alguém ou ainda “para um sentido que se deve cumprir ou para outro ser humano, a cujo encontro nos dirigimos com amor” (id., p. 25).

Ao assumir que o supra sentido é uma abertura ao sagrado, Frankl admitiu que a fé religiosa pode ser o último termo do sentido, se o paciente acredita em Deus: “Esse supra ser (se assim posso chamá-lo), de alguma forma, está além do mundo, não pode ser colocado no mesmo nível das coisas mundanas” (FRANKL, 2017b, p. 108/9). Para a descoberta desse supra sentido, é necessário acreditar nele: “considero que a fé religiosa num significado último é precedida pela confiança num ser último, pela confiança em Deus” (FRANKL, 1978, p. 144). Para Frankl, a busca pelo sentido é, na raiz, a busca por Deus.

No livro *A presença ignorada de Deus*, Frankl refere-se a dois tipos de consciência, uma psicológica e outra espiritual:

Conforme a tradução da palavra alemã *Bewusstsein*, ou *Bewusstheit*, a consciência psicológica significa, literalmente, “conhecimento do que se passa em nós”. Já a consciência transcendente ou espiritual deriva da palavra alemã *Gewissen* e significa a faculdade de estabelecer julgamentos morais dos atos realizados. (FRANKL, 2017 b, p. 50).

Por isso, o psiquiatra afirmou que, para tratar da liberdade “é suficiente basear-nos na existencialidade, porém, para explicar a condição humana de ser responsável precisamos recorrer à transcendentalidade” (FRANKL, 2017b, p. 50).

As críticas de Frankl à psicanálise freudiana se baseiam em instâncias irreduzíveis, realidades que não podem ser derivadas de outras ao contrário do entendido por Freud. Ele disse: “da mesma forma que o eu não pode derivar do id, o superego não pode ser derivado do eu” (id., p. 54). Freud considerou o assunto diversamente, o ego é um dos espaços do superego, sua força ele toma do id, porque “o ego não dispõe de fonte própria de poder, toma-o do id” (HALL; LINDZEY, 1973, p. 56).

A referência transcendente parece a Frankl imprescindível para justificar a responsabilidade moral ou a escolha responsável. Isso o leva a posicionar-se contra Sartre : “a pessoa, de acordo com a visão de Sartre, projeta seu dever-ser no nada, sem que lhe seja oferecido qualquer apoio, e acredita que a partir desse projeto ela possa continuar trabalhando e se aperfeiçoando” (FRANKL, 2017b, p. 55).

O reconhecimento do inconsciente espiritual, onde estão os componentes do sagrado e assuntos a ele associados, aproximou Frankl de Jung. Porém, Frankl percebeu, no funcionamento do inconsciente descrito por Jung, a mesma lógica do inconsciente freudiano, fechado em si e não aberto à transcendência. Frankl repete a mesma crítica que Buber fizera a Jung: “Desta forma, a questão controvertida é: Deus é apenas um fenômeno psíquico, ou existe também independente do psiquismo humano? Jung responde: Deus não existe por si” (BUBER, 2007, p. 132).

6 Supra sentido e espiritualidade

O essencial da diferença de Freud é o seguinte: não se pode interpretar o Deus inconsciente como expressão do instinto, ou do id, pois a espiritualidade inconsciente aponta para o transcendente:

Dentro da espiritualidade inconsciente do ser humano, algo como uma religiosidade inconsciente no sentido de um relacionamento inconsciente com Deus, de uma relação com o transcendente que, pelo visto, é imanente no ser humano, embora muitas vezes permaneça latente. Enquanto que com a descoberta da espiritualidade inconsciente apareceu o Tu transcendente por trás do eu imanente (FRANKL, 2017 b, p. 58).

O reconhecimento de que o supra sentido, ou sentido último, recolhe nas escolhas diárias um sentido que aponta para a transcendência ou Deus corresponde ao que Buber ensinou: “a substância humana se funde pelo fogo do espírito que a invade, e então surge dela sua palavra, uma afirmação que tem forma e sentido humano, mas que dá testemunho daquele que a produziu” (BUBER, 2007, p. 133).

Assim, ao contrário de Freud, que atribuía o transtorno obsessivo (TOC) ao complexo de Édipo, ao relacionamento com o pai, Frankl atribui o TOC a uma religiosidade psiquicamente adoecida ou uma ansiedade devido à falta de adequada compreensão da religiosidade

7 Considerações finais

Procuramos indicar, neste artigo, que Frankl considerou o inconsciente espiritual como a raiz das boas realizações humanas, o lugar do sentido. Como evidência dessa realidade, além da descrição fenomenológica, que reconhece na prática que o homem faça escolhas livres, Frankl apresentou também, como prova do inconsciente espiritual, conteúdos oníricos que vêm dele.

De forma sintética, podemos dizer, para concluir, que não importa se a pessoa assume um supra sentido atribuindo-lhe caráter religioso, ou se o aceita como uma forma ampla de espiritualidade. O reconhecimento do sentido produz um equilíbrio emocional “tem uma imensa importância psicoterápica e psicohigiênica” (FRANKL, 2016, p. 92).

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** (DSM V) 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AQUINO, Thiago Antônio Avellar. **Logoterapia e a análise existencial.** São Paulo: Paulus, 2013.

BUBER, Martin. **Eclipse de Deus.** Campinas: Verus, 2007.

BRESSER, Paul Heinrich. Responsabilidade e responsabilização – sentido da culpa. p. 89-98. VÁRIOS. **Dar sentido à vida, a logoterapia de Viktor Frankl.** Petrópolis: Vozes, 1990.

CARVALHO, José Mauricio de. O conceito de circunstância em Ortega y Gasset. **Ciências Humanas.** UFSC. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis: Editora da UFSC, v. 43, n. 2, 331-345, out. 2009.

FRANKL, Viktor. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Psicoterapia para todos.** Petrópolis: Vozes, 1990 b.

_____. **O que não está escrito nos meus livros.** São Paulo: É Realizações, 2010.

_____. **A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido.** (Diálogo com Pinchas Lapide). 2. ed., Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **O sofrimento de uma vida sem sentido.** São Paulo: É Realizações, 2015.

_____. **Psicoterapia e sentido da vida.** 6. ed., São Paulo: Quadrante, 2016.

_____. **Em busca de sentido.** 42. ed., São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. **A presença ignorada de Deus.** Petrópolis: Vozes, 2017 b.

FREUD, Sigmund. A interpretação do sonho. **Obras Completas.** v. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

HALL, C; LINDZEY, G. **Teorias da personalidade.** São Paulo: EPU/EDUSP, 1973.

HERRERA, Luis Guillermo Pareja. **Viktor Frankl comunicación y resistencia.** Buenos Aires: San Pablo, 2007.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão prática.** São Paulo: Escala, 2006.

ORTEGA Y GASSET, José. Meditaciones del Quijote. p. 309 – 400. **Obras Completas.** v. I, 3. ed., Madrid: Revista de Occidente, 1953.

PACCIOLLA, Aureliano. **Psicologia contemporânea e Viktor Frankl.** São Paulo: Cidade Nova, 2015.

XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. **O sentido dos sonhos na psicoterapia em Viktor Frankl.** Belo Horizonte: Artesã, 2019.